

DA SEGUNDA ESPECIE DE HARMONIA, O NUMERO
OU RHYTHMO

§ 314

Ao compasso é que principalmente se refere o *numero*, i. é, *a conveniente medida dos tempos que se gastam em pronunciar as palavras e as phrases*. — Divide-se elle em oratorio ou *rhythmo*, e poetico ou *metro*. E, comquanto, em certo modo, ambos constem de pés; ha comtudo, além d'outras, esta differença — que o *rhythmo* attende só ao espaço dos tempos; o *metro* porém não só a isso, senão tambem á ordem das palavras e das *syllabas*. Assim-quê, se tornardes a ordem das palavras d'este verso (*Lus. I, 1*):

As armas e os barões assignalados,

poderá resultar o mesmo espaço de tempo; o verso porém ficará desfeito.

§ 315

Ora, para fazerdes a phrase numerosa, podereis 1.º *substituir* a uma palavra menos numerosa outra que mais o seja: com-tanto-que esta seja *synonyma* e equivalente: 2.º *ajuntar* alguma, se não parecer ociosa: 3.º *subtrahir* outra, se ella não for necessaria: 4.º *mudar os casos* pela *antiptose*: 5.º *variar os numeros* pela *synecdoche*: 6.º empregar a *syncope*: 7.º a *synalepha*; 8.º e com especialidade, emfim, o *hyperbaton*, de que acima falámos.

§ 316

E, se em todo o espaço da phrase ou do periodo é necessario o numero, o fecho é todavia a parte em que elle mais se requiere e se faz mais sensivel: já porque pela perfeição e acabamento do periodo se avalia a perfeição do pensamento: já porque os ouvintes estão sempre á espera

do fim e nelle repousam; podendo elles então julgar melhor do numero, quando já têm parado a impetuosa corrente do discurso, e lhes deu tempo de observá-o. Devem-se pois de reservar para alli os membros mais extensos e os vocabulos mais chãos e sonoros: se porém quizerdes ou negar uma acção, ou apoucar algum objecto, ou tambem se fallardes sobre coisas tristes, virão bem os membros mais curtos e os vocabulos menos chãos.—Depois do fecho, a parte que demanda mais cuidado é o principio; porque tambem a elle está attento o ouvinte. Como porém os começos dos periodos não estão pegados com o que precede; mais facil e mais livre é nelles o numero.—Tambem no meio, embora seja elle como a sombra na pintura, e requeira por isto menos esmero que o principio e o fim, que sam como os claros; não deve a marcha do periodo ir vagarosa pelas muitas palavras e phrases longas, nem aos saltos pola continuação das breves.—Mas tudo isto ha de ser variado, para que não fatigue o ouvido; e o cuidado na collocação assim se deve disfarçar, que os numeros pareçam correr natural e espontaneamente, e não constrangidos ou forçados.

CAPITULO XX

Da elocução apta e decente

§ 317

Inutil é porém o serem elegantes, ornadas e apuradamente collocadas, as palavras, se ellas não condisserem com os fins a que intentais conduzir o auditorio. Resta pois a ultima virtude da elocução, o *decóro*: que, por se dever guardar tambem nas outras operações do orador (§ 162), já em varios logares o tocámos; e continuaremos ainda. Certo que, assim-como nos outros actos da vida, assim-tambem no discurso se ha de obrar e dizer o que fôr de-

cente. Mas, em eloquencia, *decóro* é — a *conveniencia das palavras com os pensamentos e d'ambas estas coisas com a materia, pessoas e circumstancias*. — E assim daremos aqui, em resumo, a parte do *decóro* relativo ás *pessoas*, ao *logar* e ao *tempo*; reservando para o seguinte capitulo, em que se ha de tractar dos varios *estyllos*, o que ainda resta por indicar sobre os *pensamentos* e a *materia*.

§ 318

Ora as pincipaes pessoas a que se deve de accommodar o discurso, sam — a do *orador*, as dos *ouvintes*, e *aquella* ou *aquellas de que se fala*; — e, para se guardar o *decóro* devido a cada uma d'ellas, observem-se as regras seguintes. — Começando pela pessoa do *orador*, muito importa vêr: 1.º qual seja a sua *idade*; pois ao maduro ancião convêm uma elocução precisa, placida, limada, e tam grave que pareça (como quer Cicero) começar já a encanecer: ao fogoso joven na flor dos annos, mais copiosa, arrojada e flórida. — 2.º Qual a sua *auctoridade*; pois o que fôr distincto polo nascimento, feitos e fortuna, poderá falar mais livremente; ao que taes predicaos não tiver está melhor um tom mais humilde e submisso. Áquelle basta a propria auctoridade: este com a sua mesma razão mal se cobre dos tiros da censura. Porisso é que, muitas vezes, uma e a mesma expressão em um é liberdade, em outro loucura, em outro suberba. — 3.º Qual a *profissão*; ao orador militar convirá a simplicidade e concisão: ao civil e politico a riqueza d'elocução: ao evangelico uncção e gravidade: ao academico permite-se mais alguma ostentação.

§ 319

Além d'estas tres regras peculiares a certos oradores, outras tantas ha communs a todos; sam as que se seguem. — 4.º Como não ha coisa tam capaz de grangear a benevolencia como o natural pejo e modestia (§ 110), evite,

mais que tudo, o orador a jactancia das suas proprias virtudes ou eloquencia. Pois o que se gaba, maiormente com excesso, dá mostras de querer abater e menosprezar os outros; e contrahirá, porisso, dos somenos a inveja, dos superiores a mofa, de todos os bons a censura. E se alguma vez, para se justificar, se vir forçado a tocar nas proprias acções, como aconteceu a Demosthenes no *discurso a fav. de Ctesiphonte*; mostre o orador essa necessidade, e faça recair todo o odioso sobre quem a isso o obrigou.

§ 320

Deve tambem, 5.º, evitar no seu modo de dizer a demaziada confiança ou arrogancia; sendo que com taes vicios se torna elle não só fastidioso, senão abhorrecido aos ouvintes. Apenas alguma vez achará isto desculpa na idade proecta ou no reconhecido merecimento do orador; com-tanto-que sempre o tempere com alguma prudente modificação.

§ 321

Fuja emfim, 6.º, da declamação immodesta e desinvolta; a qual, sendo indecente em qualquer orador, mais reprehensivel é naquelle que, por seus annos, merecimento e experiencia, sobresái. Em-verdade-que esta descompostura e descomedimento da voz e do gesto, dando a ver grosseiros costumes, não só quebra as leis da cortezia, senão que muitas vezes descobre um altercador desacompanhado de razões, e desconfiado da justiça e bondade da sua causa.

§ 322

Passando ás pessoas dos *ouvintes*, segundo a condição e character d'elles se ha de variar o discurso: não será elle ante um principe o mesmo que ante um magistrado; nem o mesmo ante uma assemblêa respeitavel que no ajuntamento do povo; nem ante um corpo militar o mesmo que

entre gente rustica. Qualquer porém que seja a classe do auditorio, seja para-com elle sempre urbano e civil o orador; sendo porém um congresso distincto pola educação, litteratura, ou auctoridade, releva tractar-se ainda com respeito e acatamento. A um similhante auditorio não se apresente jámais o orador sem a devida preparação; vá munido do indispensavel estudo do assumpto.

§ 323

Agora, quanto ás pessoas *sobre que versa o discurso*, comquanto deve elle variar, segundo o character do individuo fôr honesto ou odioso; todavia, seja qual fôr, bom será que em todo o discurso respirem os sentimentos de humanidade, doçura, moderação e benevolencia. Mas tambem, se as circumstancias o pedirem, não empecerão á bondade do orador os sentimentos contrarios, como o odio aos máos, a vingança do crime, a desaffronta das injurias, etc.; de-geito, porém, que pareça recorrer a esses meios, não por gosto, senão violentado (§ 62).

§ 324

Tambem para o *logar e tempo* ha certas leis de decóro. O *tempo* ora é alegre, ora triste; agora largo, agora estreito: e com todas estas circumstancias têm de se conformar o orador. — Assim, quanto ao *logar*, muita differença faz o falardes no publico, ou no particular; no frequentado, ou no escuso; na vossa terra, ou na extranha; no campo, ou no foro; nas côrtes, ou no templo: cada uma d'estas circumstancias pede sua fórma e modo de eloquencia particular. — Resta vêr agora o que ainda ha que dizer sobre a conveniencia dos pensamentos e das palavras com a *materia*.

CAPITULO XXI

Das varias fórmās d'elocução ou estylos

I

Da natureza e divisão do estylo

§ 325

É pois mister que passemos a tractar do *estylo*. Na acceção primordial, significou esta palavra o poncteiro com que os antigos escreviam; depois veio a tomar-se pola mesma escriptura; e d'aí pola maneira particular per que cada um se exprime, falando ou escrevendo. E assim, em qualquer genero de discurso, *estylo* é — *a fórmula d'elocução que de certos pensamentos e palavras toma o discurso, todo ou em parte*. Poronde a lei fundamental do estylo é a sua conveniencia com a materia.

§ 326

Sóe porém considerar-se o estylo, já emquanto ao maior ou menor numero de palavras per que se exprimem os pensamentos: já quanto á natureza e collocação das mesmas: polo-que ou é relativo á *quantidade* ou á *qualidade*. No primeiro sentido, segundo o genio das antigas nações gregas, quatro estylos se distinguem, — *attico, asiatico, rhodio, laconico*: — na segunda consideração, attendendo aos officios do orador, a mór parte dos rhetoricos faz tres generos d'estylo, — *tenue, temperado, nobre*; — cada um dos quaes comprehende várias especies e denominações; que indicaremos, já nas definições, já nos dotes ou virtudes, dos mesmos tres generos.

§ 327

Estylo attico é — *o modo de dizer preciso e irreprehensi-*

*vel nos pensamentos e nas palavras: — compõe-se este de pensamentos finos e delicados, e d'uma phrase limada, polida e depurada de palavras e ornatos improprios; semelhante á fonte pura, que nada têm de heterogeneo. — O asiatico porém, á maneira da turva e caudal torrente, é empolado, vão, e mui sobejo em palavras prolixas e pensamentos superfluos e ornatos excessivos. — O rhodio, como o placido tanque, é o médio entre o attico e o asiatico; de-sorte-que nem têm a redundancia d'este, nem eguala a precisão d'aquelle. — O laconico, emfim, é tam conciso e apanhado, que quasi se torna inintelligivel; qual o pequeno ribeirinho. — D'estes o melhor é sem-duvida o attico, e depois d'elle o rhodio: os outros dois, como extremos, sam na generalidade viciosos. Sim, apenas em um joven se póde tolerar o asiatico; apenas em algumas cartas têm ás-vezes logar o laconico. Observareis todavia que de todos elles se serviu Cicero; poisque nas *Catilinarias* e *Philippicas* chegou quasi a tocar o atticismo; em algumas das suas cartas familiares o laconismo; a fav. de *Roscio* o asiatico; nos demais discursos o rhodio.*

§ 328

Vindo agora á segunda divisão, o estylo *tenue* (chamado tambem simples, infimo e subtil), *contentando-se com palavras proprias, claras e expressivas, despreza os ornatos exquisitos; porque, sendo seu officio o instruir, ama só um singelo asseio; qual a simples pastora, ataviada de flores, mas sem adereço de diamantes. Exemplo tendes em Virg. Ecl. I, 20):*

*A cidade que Roma se nomêa
Louco a julgava eu semelhante á nossa,
Para onde, Melibeo, os pegureiros
Muitas vezes levâmos tenros anhos.
Assim ao cão o filho assimilhava,
A mãe o cabritinho; e co'as pequenas
As grandes coisas comparar soia.*

E em Sousa, *Vida do Arceb. L. I, C. 2.º: De muitos sanctos*

lemos que o começaram a ser ainda no berço. Assim madrugava n'este menino a inclinação ás coisas de religião e da igreja.

§ 329

Estylo *temperado* (ou ornado e flórido) é o *medio* entre o *nobre* e o *tenue*; de-modo-que, mais rico do que este e mais moderado e doce do que aquelle, veste-se de todas as galas da eloquencia; rejeita porém as figuras mais vehementes, porque põe sua mira no *deleite*; semelhante a uma ribeira *crystallina* e, per uma e outra margem, assombrada de verdes arvoredos. D'este genero d'estylo nos offerece um excellente exemplo o poeta de Venusa (*Od. L. II, 3. Trad. de Elp. Dur.*):

Onde o gran'pinho e o branco chopo folgam
Sombra hospedeira receber nos ramos,
E no torcido arroio a fugaz *lympa*
Com murmurinho corre.

E o nosso epico (*Lus. C. IX, 54*):

Tres formosos oiteiros se mostravam
Erguidos com suberba graciosa,
Que de *gramineo* esmalte se adornavam
Na formosa ilha, alegre e deleitosa;
Claras fontes e limpidas manavam
Do cume, que a verdura têm viçosa:
Per entre pedras alvas se deriva
A sonora *lympa* fugitiva.

§ 330

Finalmente, o *nobre* ou *grande* (denominado tambem robusto, vehemente e, pola mór parte dos rhetoricos, sublime), serve-se de toda a sorte de palavras animadas, graves e valentes, e proprias para engrandecer a sublimidade dos pensamentos e a força dos affectos. Um tal estylo pois, azado para mover, empregando os tropos mais atrevidos e as figuras mais energicas, arrasta o ouvinte, ainda o reluctante; como o rio caudaloso e arrebatado, que revolve os rochedos,

enfurece-se contra as pontes, e faz, peronde quer, as margens. Tal é a imprecação de Dido moribunda (*En. IV, 625*):

*Das cinzas minhas nasça quem me vingue,
E a ferro e fogo os dárdanos persiga, etc.*

E este passo de J. Freire (*Vida de D. João de Castro, L. III*):
Os grandes feitos que os portuguezes obraram neste dia, o Oriente os diga: eu cuido que da illustre Diu lhe' será cada pedra um epitaphio mudo.

§ 331

É porém de advertir que cada um d'estes tres generos d'estylo é susceptivel de muitas gradações ou matizes. Porque o *tenue* ora será mais, ora menos, subtil; o *grande* mais ou menos robusto; e o *temperado* já subirá ao sublime, já descera ao singelo. Assim, ha no mesmo genero uma infinidade de especies ou variações, que entre si têm alguma differença, ainda-que mui pequena e tal que se não póde facilmente assignar: assim-como na pintura uma e a mesma côr passa do claro ao escuro, ou ás avessas, per meio de innumeraveis gradações, ás-vezes, insensíveis. E não ha duvida que estas fórmãs e tons de elocução se devem de accommodar assim á materia (§ 325) como a qualquer parte maior ou menor do discurso; sendo que tambem respeita ao orador, e a qualquer que fala ou escreve, aquelle preceito que aos poetas prescreve Horacio (*Epist. aos Pis. v. 86. Trad. de Cand. Lusit.*):

*Pois com que fundamento por poeta
Quero ser respeitado, se não posso
E se não sei usar dos differentes
Characteres e estylos dos poemas?*

(e no v. 96):

*Dê-se a cada poema o seu decente
Logar.....*

§ 332

Mais: os tres generos d'estylo distinguem-se per varios dotes, em parte proprios de cada um, em parte communs a todos tres.—Designam principalmente o tenue a *agudeza*, a *perspicuidade*, a *singeleza*, a *precisão*; postoque a luz da perspicuidade deve brilhar em todo o estylo e os dois ultimos dotes sam geitosos para exprimir tanto um objecto familiar e ordinario como um sublime. Sim, o pensamento sublime não precisa de lustre exquisito; e, sendo ordinario, não o admite; assim a um e outro convêm a singeleza. Tambem devemos ser parcos nas palavras quando os objectos sam tammanhos e tam extraordinarios que em certo modo per si mesmos falam; ou tam vulgares e de tam pouca monta que pouco basta dizer ácerca d'elles: em ambos os casos, pois, está bem a *precisão*.—Os dotes do estylo temperado sam a *doçura*, a *graça*, e todas as *bellezas*, que excitam sensações agradaveis em quem lê ou escuta.—Characterizam o nobre e grande a *gravidade*, a *riqueza*, a *força*, a *energia*, a *vehemencia*, e tudo o mais que póde despertar as paixões e a admiração.

§ 333

Haja porém cautela não venham estes dotes a degenerar em vicios. Certo é que, se ao orador fallece a arte e o gôsto, o estylo simples cairá no *baixo*, i. é, inferior á dignidade dos objectos; e no *arido*, que não têm succo nem ornato algum. Polas mesmas causas, o ornado e flórido sairá ora *brincado* ou nimiamente enfeitado; ora *pueril* e *sem interesse*, brilhando com florinhas que cáem ao mais leve toque. Assim, póde tambem o grande degenerar em *inchado*, o robusto em *duro*, o sublime em *despenhado*, o vehemente em *furioso*. Ha em tudo certas raias fóra das quaes não póde existir a virtude ou o bello ideal e moral; poronde, assim nisto como em tudo o mais, o caminhar pelo meio é de-ordinario o mais seguro.

§ 334

Mas, assim-como cada homem têm sua physionomia propria, assim têm sua maneira de dizer particular; de-sorte-que, se não tiver assás firmeza para, sem constrangimento, a seguir até certo poncto, e se andar só nas pisadas d'outrem, não poderá jámais falar nem escrever bem: nada se ha de dizer, nada escrever, repugnando o genio. Releva porém que o orador melhore e, a-todo-poder, aperfeiçõe seu estylo: o que poderá conseguir, empregando os seguintes meios, que sam os principaes: 1.º o contínuo e desvelado exercicio de compôr; 2.º a familiaridade com os melhores escriptores; 3.º a confrontação do seu estylo com o d'elles. D'est'arte, formará elle o gosto, desapprovando, á vista do melhor, o seu modo de dizer que d'antes lhe agradára; bem-como se despreza a falsa purpura, confrontando-a com a verdadeira.

II

Do uso do estylo

§ 335

E, pois-que as palavras sam como o trajo dos pensamentos e a elles se devem de ajustar como ao corpo o vestido, regrar-se-á o estylo de-modo-que as coisas pequenas appareçam exprimidas no singelo, as medianas no temperado, as graves no grande e nobre. Fôrça é, portanto, ver qual dos tres estylos arma a cada genero de discurso: advertindo porém, primeiro que tudo, que embora em qualquer obra predomine, em geral, uma só fórma; deve esta variar, comtudo, segundo a diversidade dos objectos e dos pensamentos.

§ 336

A conversação familiar e as cartas, que d'ella sam ima-

gem, requerem o estylo tenue e singelo; pois o que ha que dizer sobre objectos familiares, de sua natureza varios e triviaes, convêm porcerto enunciar-se em phrase breve e simples. Aqui pois os longos circuitos de palavras, a collocação muito apurada, e os enfeites brilhantes, devem de evitar-se. Quando porém neste genero de discurso se tractar d'algum objecto maior, levantar-se-á o estylo; como noutro logar (§ 303) advertimos. — A mesma fórma de elocução simples e natural se dará aos *commentarios* ou *memorias*, aos *dialogos*, e ao *discurso didactico*, em prosa; porque, sendo um poema, pertence-lhe o estylo médio; do qual nos offerecem o mais bem acabado modelo as *Georgicas* de Virgilio. — Mas sobre o estylo *poetico*, que varia com os differentes generos de poesia, lá se dam as regras no livro respectivo.

§ 337

A *historia* demanda, sim, um modo de dizer temperado, mas ao mesmo tempo grave, qual convêm á que é *luz da verdade e mestra da vida*: e ás vezes, maiormente quando ella refere os grandes feitos dos grandes heroes, deve elevar o tom. E, quando nella entram *descripções de paizes* e de outros objectos agradaveis, estar-lhes-á bem uma elocução mais amena e flórida; nunca porém affectada, mas natural.

§ 338

No *discurso oratorio*, emfim, ha de variar o estylo segundo o genero de eloquencia, assumpto, e partes do mesmo discurso. — Na eloquencia judicial, não se ha de falar sobre uma causa capital do-mesmo-modo-que em uma de estillicidio: sendo que esta pede uma fórma de elocução ora temperada, ora mais subtil; aquella, mais gravidade e vehemencia. — Aos discursos da tribuna e do pulpito, bem como a todos aquelles em que se tractam assumptos de mór importancia, ou em que o orador se esforça em mover os animos, quadra o estylo grande e robusto. — Ao exordio

está bem o tenue, mas ao-mesmo-tempo apurado; de-geito-que os pensamentos não sejam nimiamente ingenhosos, nem as palavras nimiamente ataviadas, nem a collocação nimiamente trabalhada; senão que em tudo respire a modestia. Porque, no começo, tudo o que é artificio parece que se encaminha a enganar os ouvintes; quando o orador os não tem conciliado ainda, e a fresca attenção d'elles o está espreitando. — Na proposição e partição empregue-se o estylo simples: em a narração o médio, enfeitando-a com todas as bellezas que nella cabem; porque o auditorio accredita mais facilmente aquillo em que acha agrado. — Á confirmação compete o subtil; de-modo-que a pureza e perspicuidade da phrase vá acompanhada da força e ardor, como de um soldado no conflicto. — A peroração, emfim, onde o orador espera a victoria e o triumpho, demanda uma fórma d'eloquencia nobre e sublime.

QUARTA PARTE

MEMORIA

CAPITULO XXII

Da importancia e subsidios da memoria

§ 339

Escrepto o discurso, todo trabalho que até aí teve o orador será inutil, se elle não retiver na memoria, que é como o thesouro da eloquencia, aquillo que têm de dizer ao auditorio. Força é, pois, que *tam profundamente deposite no espirito os pensamentos, as palavras e a sua ordem, que possa apresentar todas estas coisas aos ouvintes*. Esta é a memoria, considerada como operação do orador (§§ 12 e 16). Não basta porém só reter com firmeza o que houverdes meditado ou escrepto, seguindo o encadeamento das idéas e das palavras; senão que é forçoso recordar tambem o que tiver dicto o adversario, para que se possa refutar opportunamente e nos proprios logares: muitas vezes é isto preciso nos discursos da tribuna e nas causas forenses.

§ 340

Ás-vezes temos tambem de orar de improviso e sem

preparação; o que só se póde effectuar, havendo tal viveza d'espírito que possa com rapidez conceber muitas idéas, apoderar-se facilmente d'ellas e retel-as fielmente. Poronde, emquanto dizemos uma coisa, é necessario cuidar na que lhe ha de succeder: e assim a nossa cogitação têm de se adeantar além da idéa que a occupa; e o que de caminho acha, guarda-o na memoria: ésta depois, como uma fiel depositaria, entrega á elocução o pensamento que da invenção recebêra. Prestando taes officios a memoria, ninguém ha que perfeitamente não conheça quanto ella seja util, antes indispensavel, ao orador. Até-mesmo com ella se grangêa a fama d'um ingenho prompto e vivo; parecendo que o orador não trouxe de casa o que diz, senão que immediatamente o tomou do logar em que está orando.

§ 341

Comquanto porém a memoria seja um dom natural, não ha dúvida que, assim-como todos os outros, póde ella per meio d'alguns preceitos ajudar-se e engrandecer-se. Conhecendo isto, já os antigos ensinaram *mnemonicas*; sendo, segundo é fama, Simonides o primeiro que deu uma arte, a qual outros depois illustraram. Os preceitos d'esta arte (entre os antigos) têm por fundamento *logares* e *imagens*; os logares representam o papel, as imagens ou symbolos a escripta. A prática é esta. Escolhe-se um *logar* o mais espaçoso, e assignalado per uma grande variedade de objectos; por exemplo, uma grande casa, repartida em muitos aposentos. Tudo o que nella ha notavel, fixa-se bem no espirito, até-que a cogitação possa percorrer todas as partes e objectos da mesma casa sem trabalho e num momento. Depois, aquillo que qualquer escreveu ou tem de cór, marca-o per meio de *imagens*, que lh'o representem e recordem: quer, por exemplo, falar da navegação, toma por signal uma anchora; quer falar da guerra, toma por signal uma espada, etc. D'aí, assignala o primeiro poncto do seu discurso no portico da casa; o segundo no atrio; e seguida-

mente os outros nas salas e nos quartos. Feito isto, quando quer recordar-se, começa a passar em revista com o pensamento aquelles logares; e exigindo de cada um o que lhe confiou, as imagens ou signaes o advertem e lh'o recordam. Quinctil.

§ 342

Depois, pelo decurso dos annos, appareceram innumereis mnemonicas, algum-tanto differentes, assim d'aquella antiga como umas das outras. Ao methodo dos *logares* e *imagens* accresceu o dos *numeros*; e estes tres elementos variaram segundo as diversas escholas, de-modo-que em uma predominava este, noutra aquelle. Nos tempos modernos porém, tanto em outras nações como entre nós, começaram de predominar os numeros; sendo a base d'esta mnemonica uma phrase ou palavra *sacramental* (que qualquer póde formar para si), cuja primeira ou primeiras syllabas recordem um facto de que nos queiramos lembrar, e as ultimas o tempo em que elle aconteceu (1).

(1) Hoje, segundo o systema geralmente seguido, e que o meu carissimo collega, o Sr. Doutor Doria, abraçou nos seus *Principios de Mnemonica*, bem-como nos seus A. F. de Castilho; consiste a *mnemonica* em representar os algarismos—0, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9—per articulações ou consoantes, fixas e determinadas; sabendo com promptidão substituir a consoante ao algarismo, ou este áquella. Para melhor prender á memoria as consoantes representativas dos dez algarismos, offerece cada um d'aquelles litteratos dois versos que per ordem os representam. O pensamento dos do segundo é relativo a Sancto Antão, eremita, na gruta do deserto, com as disciplinas em punho, ao pé de si a ampulheta e a sepultura aberta, para se lembrar da brevidade da vida e da certeza da morte. Eis os versos:

—Qual é o teu mundo, Antão, e o teu viver qual é?
Um açoite na mão, relógio e cova ao pé.—

As consoantes do segundo verso, que se aproveitam para symbolizar os algarismos, sam—ç, t, n, m, r, l, g (soando j), c, v, p—: desprezam-se as vozes ou vogaes, bem-como o *m* no monosyllabo Um, primeira palavra do segundo verso; porque o *m* (e assim o *n*), quando pertence á vogal antecedente, não dá som articulado. Para mais se facilitar o estudo mnemonico, e porque restam ainda oito articulações para as quaes já não ha algarismos, têm-se ellas como equivalentes

§ 343

Não negamos, com-effeito, que estas e outras similhan-tes mnemonicas tenham algum prestimo: como para repetir

ás que ficam indicadas; e isto pela maneira que se vê na tabella se-
guinte:

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9
ç	t	n	m	r	l	g	c	v	p
s	d	nh			lh	j	g	f	b
z						ch	q		
						x			

Advirta-se que o *g*, symbolo de 6, sôa como *j*: e o *g*, symbolo de 7, sôa como *gue*.

Pôsto isto, para se traduzir em algarismos uma ou mais palavras, deve-se reparar nas consoantes; e, suppondo-as algarismos, exprimi-las, como se fossem numeros. Exemplo: *Lisboa*, que têm as consoantes L, s, b, vale como —509—; *Porto*, em que ha P, r, t, corresponde a —491,— etc. Quando pois quizermos reter na mente uma éra ou certo numero de graus de longitude ou de latitude, ou qual-quer outro numero, o artificio está em formar uma phrase que prenda á memoria o pensamento d'essa éra ou grau, etc.; de-modo-que a ul-tima ou ultimas palavras da phrase tenham as consoantes que, tra-duzidas em algarismos, dêem a éra, grau, etc. Esta palavra chama-se, em linguagem mnemonica, *sacramental*. Assim, querendo, por exem-plo, reter na memoria a data da fundação da nossa monarchia, for-maremos esta phrase, ou qualquer outra analogia:

—Na batalha de Orique tem a fundação da monarchia portugueza uma *data* mui *boa*.—

Nos tres ultimos vocabulos está a phrase sacramental, que contém as consoantes —d, t, m, b,—as quaes, symbolizando os algarismos —1, 1, 3, 9,—nos dam a data da fundação da monarchia em 1139. Daremos tambem aqui o exemplo da phrase, formada pelo mesmo

per ordem muitos nomes de coisas ou pessoas, ou para recordar varias series de annos e outros numeros. Mas, para apprehender de cór todos os pensamentos d'um discurso seguido, certo que de pouco servirão ellas. Os infinitos logares e imagens a que teriamos de recorrer, com dobrado esforço da memoria, haviam de interromper necessariamente o fio do nosso discurso; pois como poderiam as palavras correr seguidas e convenientemente ligadas, se para cada uma tivéssemos de consultar a fôrma que a representa? Deixemos portanto essas regras; observemos outras mais singelas e proveitosas.

§ 344

Em-verdade-que o melhor meio de ajudar a memoria é *o contínuo e longo exercicio*. Coisa nenhuma tanto como a memoria se augmenta com o uso, ou se perde com o descuido. Deyeis pois decorar muito, meditar muito, e todos os dias, se vos for possível; e, já pelo tracto familiar com os eruditos, já pela continuada lição dos melhores livros, enriquecer a memoria, assim de pensamentos espirituosos e delicados como de palavras e phrases as mais proprias e mais polidas.

§ 345

Agora, para facilmente decorardes e reterdes o discurso que escrevestes ou que só tendes meditado, dois meios ha mui efficazes. O 1.^o é a *ordenada distribuição dos pensa-*

Castilho, para conservar na memoria a data da fundação de Roma: é esta

— Mal cuidaram Romulo e Remo, ao edificarem a cidade do seu Marte, que estavam fundando para a Egreja Christã a mais firme *columna*.—

Desprezando o *m*, pela razão acima dada, achamos na palavra sacramental as consoantes — c, l, n —; que representam os algarismos — 7, 5, 2 —; e por conseguinte a data da fundação de Roma em 752 antes de Christo, segundo alguns chronologos. — Já per estes exemplos se vê de quanto prestimo é a mnemonica para reter qualquer numero; não o é porém assim para um discurso seguido. (Vêde o § 343).

mentos (Cap. XI); sim, quando as partes e particulas d'um discurso estão bem dispostas e estreitamente ligadas, tamprêsas ficam entre si, que um pensamento chama á memoria outro, e nenhum se póde subtrahir, nem inserir outro no contexto, sem que logo se perceba.

§ 346

Por uma razão similhante, será muito util *a exacta collocação das palavras*; que é o 2.^o meio. Pois, quando as palavras se acham bem collocadas, o seu mesmo encadeamento guia a memoria; sendo que, assim-como decorâmos mais facilmente o verso do que a prosa, assim-tambem decorâmos melhor a prosa bem ligada e harmoniosa do que a desatada e dissonante. Tam naturalmente nos enleva a musica e harmonia! (§ 300).

§ 347

Emfim, se vos favorecer a memoria e não faltar o tempo, *assim decorareis todas as palavras do vosso discurso, que nem sequer uma syllaba vos escape*: aliás, excusado fôra o escrevêl-o. Se porém a memoria fôr por natureza dura e infiel, ou o tempo estreito, inutil será prender-vos a todas as palavras; porque basta o esquecimento d'uma, para vos trazer ou um ingrato enleio ou, ainda, uma vergonhosa mudez. O mais seguro é então assenhorear-vos bem dos pensamentos, reservando para o acto da declamação a liberdade de os exprimir pelas palavras que lá occorrerem.

QUINTA PARTE

DECLAMAÇÃO

CAPITULO XXIII

Regras sobre a declamação

§ 348

Eis-nos, pois, chegados á ultima operação do orador, vejamos per que maneira deve elle apresentar aos ouvintes o deposito que a memoria lhe ha guardado. É o que se chama declamação: i. é, — *a conformação da voz e do gesto com os varios pensamentos e palavras do discurso*; — parte esta que, em-verdade, nelle é d'uma energia e influencia maravilhosa. Pois nem as provas sam tam valentes que não percam sua força, não sendo animadas pelo tom asseverativo do orador; nem as bellezas se tornam tam sensiveis; nem o movimento das paixões póde ser vigoroso, se não tomar calor das intoações da voz e da acção de todo o corpo.

§ 349

Duas sam, pois, as partes da declamação, — *a voz e o gesto*: — aquella fere os ouvidos, este os olhos; que sam os dois principaes sentidos per onde todo o pensamento cála

no animo do ouvinte. A lei fundamental d'uma e outra parte é a sua justa conformidade com a natureza dos pensamentos e de todo o discurso, e com as pessoas e circumstancias. Mas para isso, em ambas as partes se requerem varios dotes; e, para que estes mais a lume venham, falaremos de cada uma d'ellas separadamente.

Da voz

§ 350

Primeiro-que-tudo, releva que a voz seja — *clara, agradavel, concertada*. — *Clara* será a voz: 1.º, se todas as palavras e todas as syllabas se articularem espevitadamente; não tanto, porém, que pareça que se vam contando as letras; que isso seria fastidioso e abhorrecivel. 2.º Se a pronunciação for distincta pelas pausas finaes e pelas suspensões parciaes; de-modo-que, onde ha maior differença de sentido, i. é, onde termina o pensamento total, a voz descance, colhendo toda a respiração: onde porém a differença fôr menor, como nos sentidos parciaes, se suspenda um pouco a voz, assim para se tomar algum fôlego como para dar aos ouvintes algum tempo de meditarem.

§ 351

Para ser *agradavel* e cortezã, é mistér: 1.º que imite a fala dos polidos da côrte (§ 164), de-sorte-que nella não sôe rusticidade nem peregrinismo algum; sendo certo que os homens se distinguem uns dos outros pelo som da voz, como pelo tinnir os metaes: 2.º que não sáia violentada, senão livre, facil e com certa suavidade; não effeminada, mas viril e natural: 3.º que seja firme e constante, sem comtudo se afastar do som conveniente.

§ 352

Será, emfim, *concertada*, se fôr opportunamente variada segundo os differentes logares, pensamentos, affectos, pessoas e partes do discurso: de-maneira-que umas vezes seja elevada, outras abatida: ora grave, ora aguda; já branda, já vehemente, etc. A esta variedade se oppõe a *monotonia* ou esse tom unisono e desagradavel que faz murchar toda a belleza e donaire do discurso.

§ 353

Assim, quando declamardes em um logar extenso e espaçoso, soltareis uma voz mais alta, para que possa ser facilmente ouvida por toda a assemblêa; em um logar estreito ou menos largo, mais abatida.— Na enunciação dos grandes pensamentos ou sôbre assumptos importantes seja a voz majestosa: nos baixos submissa: nos mediocres moderada.— A cholera demanda uma voz aspera, aguda, cortada a-miudo pela respiração: o amor e a mansidão, branda: a compaixão e a tristeza, chorosa, interrompida: o prazer e alegria, chêa e fluente: o medo, abatida: o atrevimento, alta e elevada.

§ 354

Ante um congresso polido e civilizado a voz deve ser mais suave: ante rusticos, mais dura e vehemente: nunca porém clamorosa; senão tal que pareçamos falar, não ladrar.— A um orador esclarecido por suas acções, ou respeitavel por seus annos, está bem uma voz mais grave e socegada; a outros, mais moderada e mais submissa.

§ 355

Tambem cada parte do discurso pede seu tom de voz. No exordio empregue o orador uma voz submissa e vergonhosa; excepto se tiver de mover algum affecto pathetico:

e não dispare logo as palavras, mas demore-se per um breve espaço, como fixando o pensamento, para se tornar senhor de si e dispôr-se para orar. Na proposição e partição seja a voz singela e bem clara, quasi como a da conversação familiar: a mesma deve ser em a narração; salvo se outra demandarem as paixões que tenhais de excitar, em razão dos factos que expozerdes. Na confirmação, mais forte e energica. Na peroração, emfim, mais elevada.

§ 356

Finalmente, não só nos periodos e nas phrases se deve de variar a voz; senão tambem cada palavra se ha de, ás vezes, emittir com seu tom. Porque uma e a mesma palavra, mudando-se a pronunciação, ora indica simplesmente a idéa do objecto, ora nega, ora pergunta, ora exprime admiração, ora indignação, etc.

Do gesto

§ 357

Deve o gesto acompanhar a voz e abrir com ella os varios conceitos do espirito. Gesto é — *a conformação do movimento do corpo com os pensamentos e palavras*: — e as leis geraes, per onde elle se ha de regular, sam estas: 1.^a Não seja elle effeminado, nem muito exquisito, nem demostre affectado esmero e arte. 2.^a Não se divise rudeza nem grosseria; para-que, fugindo do melindre, não venhamos a cair no contrario vicio da rusticidade. 3.^a Esteja o corpo direito, sem todavia parecer immovel como uma estatua; nem tambem se agite com movimentos muito amiudados, vehementes e descomedidos.

§ 358

Quanto porém ás regras particulares da acção, respeitam ellas principalmente á cabeça, semblante, olhos, braços e mãos. — A *cabeça* tenha-se alta e erguida; não cabisbaixa, nem virada para-trás: se-bem-que nisto mesmo se ha de guardar seu modo. Porque, se, por um lado, a cabeça hirta e immovel denota barbaridade ou arrogancia; per outro, abatida, póde ás vezes mui bellamente significar a tristeza, a magua, o pezar e outros affectos. — Nisto porém o que mais domina é o *semblante*; o qual, segundo a natureza dos pensamentos e affectos, vós offerecereis já alegre, já triste; agora brando, agora ameaçador, etc.

§ 359

E, no semblante mesmo, a maior viveza da acção está nos *olhos*, que sam como os ministros da alma e os indicadores do pensamento; pois-que, ainda sem se moverem, com a alegria parece que brilham, e com a tristeza se anuviam e deslumbram. — Levantados ao ceo, indicam elles o homem posto em oração a Deus: quasi cerrados, descobrem o animo entregue á meditação: fitos num logar, significam o pasmo e assombro: abatidos, revelam a modestia e o pudor: voltados para outra parte, manifestam a negação ou o tédio e abhorrecimento. E todas estas differentes posturas devem de ageitar-se aos pensamentos e ás palavras.

§ 360

Os *braços* não se pendurem desconcertados, nem se extendam em demazia, excepto na maior vehemencia da paixão; sirvam, sim, ás mãos livre e concertadamente. — As *mãos* porém tanto se avantajam na acção aos outros membros, que (como diz Quinctiliano) não só ajudam a quem fala, senão que até em certo modo falam. Porventura não parecem ellas pedir? prometter? chamar? despedir? amea-

çar? supplicar? abominar? temer? perguntar? negar? etc. Mas tambem o seu movimento está sujeito a certas leis. — 1.^a Seja elle parco na entrada do discurso; e pronuncie-se, ordinariamente, sem gesto algum de mãos o primeiro periodo do exordio: logoque o discurso comece a tomar calor, amiude-se tambem a gesticulação; nunca seja porém descomedida. 2.^a Não se eleve a mão acima dos olhos, nem desça abaixo do peito; excepto nos maiores transportes das paixões. 3.^a Parta o meneio do lado esquerdo para o direito; terminando neste, como quem repousa, e não de golpe. 4.^a A esquerda quasi nunca gesticule só: amolde-se, de-ordinario, á direita.

E isto baste sobre a declamação. O que resta ainda, tanto em relação á voz como pelo que toca ao gesto, fique para o exercicio: que a este e ao favor da natureza muito mais se deve que aos preceitos da arte.

FIM.

APPENDICE

Em que se offerecem per extenso os exemplos que, no compendio, se indicaram em cada uma das partes maiores do discurso oratorio. Antecede-os o

Discurso de Diogo de Almeida dissuadindo o governador de Diu de dar batalha aos turcos

As pequenas forças que hoje temos sam formidaveis a nossos inimigos, emquanto as não conhecem, porque toda a Asia avalia nosso poder pelas victorias, mais que pelos soldados; de-sorte-que só a fama das coisas passadas nos conserva as presentes. Têm v. s.^a juncto nesta armada todo o poder da India, com que apenas podemos contar dois mil portuguezes: e tentamos estremecer o mundo com brado tam pequeno! Esta arvore do estado, de cujas ramas pendem tantos trophéos ganhados no Oriente, têm as raizes apartadas do tronco per infinitas leguas; convêm que a sustentemos, arrimada na paz de uns e no respeito de outros. Nunca podemos responder ao que se espera de nossas forças junctas; porque uma victoria pouco nos accredita, e um só estrago nos acaba. Temos a nossa fortaleza soccorrida: de que serve em uma chaga já curada espediçar o remedio das outras? Que nova prudencia nos ensina aventurar em uma só batalha o que se têm ganhado em tantas victorias?

Temos poder para nos conservar, inteiros; não temos forças para nós reparar, perdidos. Nenhum grande soldado deu batalha campal, senão necessitado; porque o destroço costuma ser igual; só fica com o victorioso o campo e a fama inutil. De Diu não queremos nem podemos ter mais que a fortaleza; pois com que furia cega tornâmos a comprar com o nosso sangue o mesmo de que somos senhores? Que novos povoadores temos para habitar a ilha? De que parte do mundo podemos trazer outros, que deixem de ser mouros ou gentios, de fé tam incerta com o estado como estes que agora nos offendem? Vamos a pelejar com turcos e com mouros, superiores em numero, eguaes em armas e disciplina: se tivermos um successo adverso, não temos salvação, porque a terra é sua; se o alcançarmos próspero, nenhum fructo tirâmos da victoria. Com armas navaes conquistâmos a India, com ellas a havemos de conservar; porque temos a vantagem dos vasos e da marinharia. Se não queremos vencer senão em batalhas, arrasemos as nossas fortalezas, derribemos os muros das cidades. Se me dizem que é honra ao estado arruinar por offensa um reino, já estivera despovoado o Oriente, se todos os que nos fizeram guerra recebessem o ultimo castigo. Porventura accusaremos a Affonso de Albuquerque, porque, depois de soffrer tantas hostilidades e enganos dos reis e governadores de Ormuz, o não deixou abraçar? Perderá aquella grande fama que mereceu na terra, porque nas offensas e cavillações do Samorim não deixou o Malabar destruido? Maculará Nuno da Cunha aquelle illustre nome, porque depois das traições de Badur não fez guerra a Cambaia? Iremos destruir ao turco polo atrevimento com que cercou o bachá a nossa fortaleza? Apresentaremos nossas armadas contra o Achém, porque tantas vezes assaltou Malaca? Metteremos a fogo e sangue este Hidalcão, por nos tolher cada-dia os mantimentos, e inquietar as terras de Bardés e Salsete? Que desesperação nos arrasta a offerecer a garganta do innocente estado ao cutello do inimigo? Esta armada tam espantosa nas apparencias, e no poder tam debil, é frêo a

Rumecão, aos nossos muro: porém, desembarcados em terra estes poucos soldados, abrirá o Oriente os olhos ao segredo de nossas forças; e todos estes principes trabalharão por romper a fraqueza das prisões em que os temos atados. Gloria foi do imperio romano vencer muitas batalhas Quinto Fabio Maximo; depois foi salvação excusar uma. Os primeiros conquistadores nos fizeram a casa, a nós só toca o conserval-a. Se na oppugnação de Diu perdeu o inimigo um exercito, que falta a esta facção para victoria? e que para castigo? A offensa intenta-se com forças eguaes; a vingança com muito superiores, porque não se ha ir satisfazer um aggravo com risco de nova injuria. Mórmente que em nada têm a fortuna maior imperio que nas coisas da guerra; alcançam-se muitas vezes as victorias per leves accidentes, e per outros se perdem. Será pois justo deixar na contingencia de um successo o sceptro oriental, com espanto e inveja das gentes fundado sobre tantas victorias? Se perdemos esta armada onde está juncto todo o poder da India, que thesouros poupados têm sua alteza para nos mandar outra? Começaremos a rogar ou a conquistar de-novo os principes da India; tornaremos á sua infancia este imperio já encanecido; viveremos na cortezia das corôas que temos offendido, ficando creaturas miseraveis d'aquelles de quem somos senhores.

JACINTHO FREIRE, liv. 2.º

*Exordio directo de Camillo Porcio ao papa Leão X,
em louvor da tomada de Malaca*

Se em algum tempo, beatissimo padre, teve o povo christão razão de dar graças ao Senhor, e ter em muito o esforço e valentia sua, por coisa esforçadamente commettida

e felicemente acabada; este anno é para isso o mais commo ensejo que atégora houve; em o qual o Senhor Deus, pola muita misericordia que de seu povo houve, lhe quiz accrescentar prazeres com novos prazeres, e prosperidades com novos contentamentos communs. Porque, além de pôr a v. sanctidade este anno na majestade do throno pontifical, mais por universal proveito da christandade, que por particular algum de sua pessoa (pois fez a v. sanctidade com isso grande refugio e remedio para coisas quasi perdidas, e, ardendo todo o mundo em guerras, para que com mais alegria fosse festejada sua nova eleição), neste mesmo tempo deu ao muito poderoso e muito felice e invictissimo rei, D. Manuel, de Portugal, tantas e taes victorias e triumphos de seus inimigos, que facilmente se póde crer pelejar o Senhor por nós; e d'esta insigne batalha, que em seu nome se deu, haver-nos dado signal, para-d'aqui-per-deante termos confiança que nos dará victorias assignaladas, se quizermos usar do esforço naturalmente nosso, tam nomeado e temido entre gentes barbaras.

Porventura haverá alguém que possa cuidar serem obras das mãos de homens as novamente feitas polos portuguezes na India, tendo por capitão o esforçado Affonso de Albuquerque? tantas, tam ricas e fortes cidades, entradas por força de armas? tam varias nações vencidas? tantos povos subjeitos em batalha? e com desigual numero de gente, ficando sempre vencedores em todas as coisas a que pozeram peito? E com isso fizeram tributarios muitos reis, subjeitos com armas portuguezas; e os a que não chegou o perigo da guerra, por de-todo estarem seguros d'ella, vieram, ou mandaram per seus embaixadores, com muita instancia, pedir paz e alliança. E por esta razão é a nobreza d'estas victorias mais excellente: por não serem nomeadas pelo estrago e mortandade, que se em os inimigos fez sómente, mas pelo esforço notavel portuguez, com que foram ganhadas; a que assim Deus favoreceu que victorias presentes pozessem em esquecimento as passadas: de-maneira-que sempre os despojos de uma alcançassem os da outra,

e com elles ficassem vencidos tantos reis, e alliados todos os demais que não querem experimentar a valentia portugueza.

Exordio indirecto do discurso suasorio de D. Bernardo da Cruz, bispo de S. Thomé, e do provincial, Fr. Luiz de Granada, procurando mover o arcebispo, Bartholomeu dos Martyres, a que accrescentasse o estado da sua casa.

... Que o seguir extremos sempre fôra extranhado de bons intendimentos; que fastos demaziados, nem os louvava nem lh'os persuadia: mas fazer-se respeitar com mais casa e melhores atavios, e acompanhamento decente, não sómente não encontrava a virtude, mas era coisa necessaria; que os homens prudentes sempre costumaram conformar-se com os tempos em que viviam. Quando o mundo todo era sancto, na primitiva egreja, podiam os prelados só com um bordão na mão governar reinos inteiros, e fazer-se temer, como um Ambrosio do imperador Theodosio, e um Martinho de Valentiniano: mas em edade tam estragada e perdida como a presente, era forçado aproveitarem-se os prelados de ambos os gladios, para mostrarem tambem força e poder humano aos que, fiados em grossas rendas e em casas chêas de armas e creados, se deixavam estar encharcados no lodo das maldades, como em banhos suaves, á vista e olhos do mundo....

*Exordio abrupto do sermão da primeira dominga do advento,
prêgado por Vieira na capella real em 1650*

Tunc videbunt, etc.

LUC. 21.

Abrazado finalmente o mundo, e reduzido a um mar de cinzas tudo o que o esquecimento d'este dia edificou sobre a terra; quando já não se verão neste formoso e dilatado mappa senão umas poucas cinzas, reliquias de sua grandeza, e desengano de nossa vaidade; soará no ar uma trombeta espantosa, não metaphorica, mas verdadeira (que isso quer dizer a repetição de S. Paulo: *Canet enim tuba*). E, obedecendo aos imperios d'aquella voz o ceo, o inferno, o purgatorio, o limbo, o mar, a terra, abrir-se-ão em um momento as sepulturas, e apparecerão no mundo os mortos vivos. Parece-vos muito que a voz de uma trombeta haja de achar obediencia nos mortos? Ora reparae em outro milagre maior; e não vos parecerá grande este. Entrae pelos desertos do Egypto, da Thebaida, da Palestina, penetrae o mais interior e retirado d'aquellas soledades: que é e que vêdes? Naquella cova vereis mettido um Hilarião, naquell'outra um Macario, na outra mais apartada um Pacomio, aqui um Paulo, alli um Jeronymo, acolá um Arsenio; da outra parte uma Maria Egypciaca, uma Thais, uma Pelagia, uma Theodora. Homens, mulheres, que é isto? Quem vos trouxe a esse estado? Quem vos antecipou a morte? Quem vos amortalhou nesses cilícios? Quem vos enterrou em vida? Quem vos metteu nessas sepulturas? Quem? Responderá por todos S. Jeronymo: *Semper mihi videtur insonare tuba illa terribilis: Surgite mortui, venite ad iudicium*. Sabeis quem nos vestiu d'estas mortalhas? Sabeis quem nos fechou nestas sepulturas? A lembrança d'aquella trombeta temerosa, que ha de soar no ultimo dia: *Levantaes-vos, mortos, e vinde a juizo*. Pois se a voz d'esta trom-

beta, só imaginada (pesae bem a consequencia), se a voz d'esta trombeta, só imaginada, bastou para enterrar os vivos; que muito que, quando soar verdadeiramente, seja poderosa para desenterrar os mortos? O meu espanto não é este. O que me espanta, e o que deve assombrar a todos, é que haja de bastar esta trombeta para resuscitar os mortos, e que não baste para espertar os mortaes. Crêdes, mortaes, que ha de haver juizo?... Virá o dia final; e então sentirá nossa insensibilidade sem remedio o que agora poderá ser com proveito. Quanto melhor fôra chorar agora e arrepender agora, como faziam aquelles e aquellas penitentes do ermo, do que chorar e arrepender depois, quando para as lagrimas não ha de haver misericordia, nem para os arrependimentos perdão! Agora vivemos como queremos; e ainda mal, porque depois havemos de resuscitar como não quizeramos.

*Narração do sermão de Sancta Catharina, prégado por Vieira
á universidade de Coimbra em 1663*

O mais formoso theatro que nunca viu o mundo, a mais grave e ostentosa disputa que nunca ouviram as academias, a mais rara e portentosa victoria que nunca alcançou da ignorancia douda e presumida a verdadeira sabedoria, é a que hoje teve por defendente um cherubim em habito de mulher, ou um rosto de mulher com intendmento e azas de cherubim, Sancta Catharina. A aula ou theatro d'esta famosa representação foi o palacio imperial; os ouvintes e assistentes o imperador Maximino, o senado de Alexandria e toda a côrte e nobreza do Oriente; a questão a da verdadeira divindade de um ou de muitos deuses, e a fé e religião que deviam seguir os homens; os defendentes, de uma parte uma mulher de poucos annos, e da outra cin-

coenta philosophos, escolhidos de todas as seitas e universidades; e a expectação da disputa e successo da controversia, egual nos animos de todos á grandeza de tam inaudito certame. Em primeiro logar, propozeram os philosophos, inchados, seus argumentos applaudidos e victoriados de todo o theatro, e só da intrepida defendente recebidos com modesto riso. E, depois-que todos disseram quanto sabiam em defesa e auctoridade dos deuses mortos e mudos, que elles chamavam immortaes; então falou Catharina por parte da divindade eterna e sem principio do Creador do ceo e da terra, e da humanidade do Verbo tomada em tempo para remedio do mundo. Falou Catharina; e foi tal o pêso das suas razões e subtileza do seu ingenho e a eloquencia mais que humana, com que orou e perorou, que não só desfez facilmente os fundamentos ou erros dos enganados philosophos; mas, redarguindo e convertendo contra elles seus proprios argumentos, os confundiu e converteu com tal evidencia que, sem haver entre elles quem se atrevesse a responder ou instar, todos confessaram a-uma-voz a verdade infallivel da fé e religião christã. E que faria com este successo Maximino, imperador empenhado e cruel? Affrontado de se ver vencido nos mesmos mestres da sua crença, de quem tinha fiado a honra e defesa d'ella; e enfurecido e fóra de si, por ver publicamente demonstrada e conhecida a falsidade dos vãos e infames deuses a quem attribuia o seu imperio, — em logar de seguir a luz e docilidade racional dos mesmos philosophos, com sentença barbara e impia mandou que ou sacrificassem logo, aos idolos, ou morressem todos a fogo. Todos, sem duvidar nem vacillar algum, acceitaram a morte por Christo, não só constantemente, mas com grande alegria e jubilo: e na mesma hora, e do mesmo theatro aonde tinham entrado philosophos, saíram theologos; aonde tinham entrado gentios, saíram christãos; e aonde tinham entrado idolatras, saíram martyres. Oh victoria da fé a mais illustre e ostentosa que antes nem depois celebraram os seculos da christandade! Oh triumpho de Catharina, não com duas palmas

nas mãos, de virgem e martyr, mas com cincoenta palmas aos pés, de subtil, de angelica e de invencivel doutora! Digna, por esta inaudita façanha, de que no mais alto do monte Sinai, depois de ser throno do supremo legislador, as mesmas mãos que escreveram as primeiras lettras divinas levantassem eterno trophéo á memoria das suas!

Esta foi, senhores, a famosa acção, tam propria do dia como do lugar, sobre que determino discorrer neste breve espaço; e, para ponderar os quilates d'ella nas circumstancias mais particulares e relevantes de tam admiravel victoria, me offereceu o evangelho as palavras que propuz: *Quinque autem ex eis erant fatuae et quinque prudentes.* Eram as virgens, que saíram a receber o esposo, dez; e, d'estas dez, cinco sábias e cinco nescias. Sábias e nescias quando saíram: *Exierunt obviam sponso et sponsae;* sábias e nescias quando se detiveram: *Moram autem faciente sponso;* sábias e nescias quando umas entraram ás vodas, outras ficaram de fóra: *Et, quae paratae erant, intraverunt cum eo ad nuptias: et clausa est janua.* O em que agora reparo é que, sendo essas duas parelhas semelhantes no sexo, eguaes no numero, e differentes no intendimento; semelhantes no sexo, porque todas eram mulheres; eguaes no numero, porque eram cinco e cinco; differentes no intendimento, porque umas eram sábias, outras nescias, — nem todas estas nescias, nem parte, nem sequer uma d'ellas, com a companhia, com o tracto e com a conversação das sábias, se emendasse e deixasse de ser nescia. Se todas as nescias apprendessem e todas as sábias as ensinassem a o ser, não parece demasiada maravilha de mulheres a mulheres, de cinco a cinco, e de sábias a nescias; mas de mulheres a mulher, de cinco a uma, e de sábias a nescia, que nem esta, uma e unica, se mudasse com a companhia, nem se emendasse com o tracto, nem se convertesse com o exemplo! Assim foi, e assim costuma ser; sendo mais digno de admiração que as nescias não pervertessem a todas as sábias, que todas as sábias não converterem uma nescia.

Passemos agora a Sancta Catharina, e vejamos estas

mesmas parelhas no sexo, no numero e no intendimento, quam diversas foram na sua batalha e quanto mais admiraveis na sua victoria. Lá, o sexo era o mesmo, porque umas e outras eram mulheres; o numero egual, porque umas e outras eram cinco; as armas e a força maior, porque umas eram sábias, e outras nescias: porém, na batalha de Catharina com os philosophos, ella era uma, e elles cincoenta; ella mulher, e elles homens; ella sábia, e elles sabios: que é muito mais forte e muito mais difficultosa opposição. E que a mulher ou menos que mulher (porque apenas chegava a dezoito annos), posta em campo contra tantos e taes homens, não só vencesse a um, nem a muitos, senão a todos, e os subjeitasse a defender com a vida a mesma fé que impugnavam, — estas digo que foram as circumstancias da sua victoria, que a fazem, sobre toda a imaginação, gloriosa. Vamos agora discorrendo, e ponderando cada-uma-per-si; veremos quam singular foi em cada-uma e em todas a nossa sábia vencedora....

Confirmação do discurso suasorio (atrás citado) de D. Bernardo da Cruz, bispo de S. Thomé, e do provincial, fr. Luiz de Granada, procurando mover o arcebispo a que accrescentasse o estado da sua casa.

Que quanto (diziam) se fazia na terra, fossem quaes fossem os meios e os principios, tudo vinha traçado do ceo; que, se faltára um provincial religioso e amigo para o nomear, e ainda uma rainha e um rei para lhe dar a mitra, não faltára uma luz do ceo para o descobrir, como a S. Gregorio; ou uma pomba, como a S. Petronio; ou outro meio de muitos que as historias contam; que emfim a mão de Deus não estava hoje abbreviada. E, pois a sua eleição

fôra obra da mão de Deus, devia conformar-se com elle, e não usar da dignidade de-maneira-que dêsse a intender (como já se ía notando) que a estimava pouco, ou andava com ella desgostado e, como dizem, de brigas. Que isto dizia, porque nem a trabalhosa vida que se dava, nem o modo de sua familia e acompanhamento, conformava com a grandeza pontifical e primacia de Hispanha, em que o Deus pozéra, fazendo-o successor de tantos e tam famosos arcebispos e, emfim, do grande filho do trovão, Sanct'Iago, primeiro fundador da egreja e primacia de Braga.—Aqui tomou a mão o provincial, e foi proseguindo no mesmo argumento, mostrando-lhe com vivas razões que o bispo aponctára bem; e dizia: Que fosse embora sancto e muito sancto de suas portas-a-dentro e para comsigo, como fazia; que isso era o certo e elle lh'o não podia desaconselhar; mas fóra de casa não era indecente, antes convinha muito, mostrar brio e uma certa majestade de principe (pois elle o era na egreja de Deus): que isto não era pedir-lhe novidades, senão lembrar-lhe que se accommodasse aos costumes que achava no mundo, e ao que via usado em toda a christandade e na cabeça d'ella e d'elle, que era Roma; onde o poder humano juncto ao divino fazia veneravel e respeitada a suprema cadeira; e porisso o summo pontifice, que a regía, consentia que os cardiaes e principes d'ella possuissem muitos contos de renda, usassem baixellas de ouro e prata, tivessem coches e ginetes; suas casas e palacios magnificos se auctorisassem com sumptuosas architecturas e recamaras chêas de sedas e brocados; porque, na-verdade, estas coisas de si não encontravam a virtude, e serviam de accrescentar majestade á egreja. Que seguir e sentir o contrario d'isto era (se se havia de falar claro e como entre amigos) um querer resuscitar velhices e impossibilidades que, por esquecidas e desusadas, eram meras novidades; e fazel-as elle e pretender mantê-las, era ser singular e um genero de fazer seita per si, fiando pertinazmente de sua opinião coisas de que o mundo já não estava capaz. E que, pois tinha presentes dois amigos, que esti-

..

mavam e tinham sua honra por propria, assentassem todos tres uma fórma e ordem tal, em sua vida e governo, que, sem chegar a demasias, bastasse para lhe grangear reverencia e auctoridade e estimação no povo.

*Refutação das razões do provincial, produzidas
no discurso antecedente*

De-maneira-que (dizia) vejo dois prelados da ordem de meu glorioso padre S. Domingos, prelados sanctos e religiosos, convertidos hoje em Platões e Tullios, formando republicas gentilicas com razões e preceitos em tudo humanos; republicas até para os mesmos gentios fundadas no ar ou em sonhos e desejos sómente; vistas nunca, nunca executadas: e isto para me darem methodo no governo da republica espiritual e christã. Confesso que tomára ver esta linguagem em toda outra pessoa, antes, que na bôcca dos que tanto me tocam. Que me faça respeitar dos pobres, gastando com minha pessoa e tirando aos mesmos pobres aquillo com que os posso remediar e manter! Que metta em ataviar creados e doirar baixellas, e ornar paredes mortas, o cabedal com que posso amparar a orphã, socorrer a viuva, e vestir paredes vivas! Que empregue tempo e cuidado em apparato de mêsa e mestres de cozinha, para que sobejem potagens, que desbaratam a saude, levam a fazenda, e aos pobres não mattam a fome! Quem não vê que sam isto preceitos gentilicos? D'esse modo, em vão trabalharam um Hilario, um Martinho, um Nicolau, por nos deixarem sanctos exemplos, governando suas egrejas, no meio de cidades populosas, com tanta austeridade em suas pessoas e casas, como se moraram na maior pobreza do deserto. Logo mal escreveram os Jeronymos, os Am-

brocios, os Agostinhos; já não ha fazer caso das regras de viver, que nos decretaram os sanctos concilios, regras dadas polo Espirito-Sancto, que nelles assiste! E se não, mostre-me alguém na vida d'estes padres ou em escriptos seus, que posso eu, sendo mero dispenseiro e não domno do patrimonio de Christo, que é a renda ecclesiastica, competir á conta d'ella com os principes seculares em pompas e faustos: cruzar-me-ei, se tal me mostrarem. Mas se eu leio e acho em todos o contrario d'estas razões, como hei de acabar commigo deixar-me vencer d'ellas? Como as não hei de haver por gentilicas? Os sanctos a prégar pobreza e seguil-a em tudo; e eu que me metta em faustos! Os sanctos a persuadir-me humildade e metter-se debaixo dos pés de todos; e eu que mostre brios e ufanía! Que esteja Christo mandando aos discipulos que caminhem descalços e sem alforge; e Fr. Bartholomeu, successor d'elles, que ande cercado de creados e com acompanhamento e estado de principe! Não é isto, padres reverendissimos, o que eu apprendi nas escholas. O concilio carthaginense quarto, na regra que dá aos bispos, me ensina que seja a minha mēsa pobre e as alfaías d'esta casa vís e de pouco preço; e se quero auctoridade, que a procure com merecimento de vida e costumes. E S. Basilio, que, por perfeito prelado e perfeito monge, mereceu o nome de Magno, me guia no recato que estamos obrigados a guardar na distribuição dos bens da egreja; affirmando a Juliano, imperador, que qualquer sacerdote que se occupa em adquirir e guardar, ou se desmanda em gastar largo, não está subjeito a menos pena polo que mal gasta ou enthesoura, que polo que furta do altar; e emfim resolve que do altar furtamos tudo o que aos pobres não damos. Não vai longe d'aqui o lume da egreja, nosso padre S. Thomaz. Todos sabemos quam estreitas e quam limitadas sam as taxas que põe á casa, á familia e a todas as mais dispesas dos prelados. Comparemos agora esta doutrina com ess'outras razões, ponhamol-a com ellas em balança; vel-as-emos ir per esses ares e desaparecer como phantasticas e sophisticas e sem nenhum

pêso. Que razão é que nos envergonhemos de querer ajudar o poder divino com o oiro e com a prata e com as mais valias da terra; quando cantamos d'elle, que, para confundir essas forças e mostrar quam pouco montam em sua presença, buscou e escolheu mui fracas com que as desbarata. Se com fumos e vaidades (que outra coisa não é toda a potencia humana) nos havemos de accreditar, os bispos, u-l-as partes que deixâmos a Deus? u-l-as (1) partes que damos á virtude? quando os que melhor sentiram entre esses mesmos gentios, em todas as materias e occasiões, á inteireza e valor do animo attribuiram mais e d'elle fizeram mais conta, que de todas as riquezas e bens corporaes. Olhemos para elles, e veremos a um dar graças á fortuna, quando lhe levou a fazenda com o naufragio; porque ficava mais leve e desembaraçado para se entregar á vida philosophica e virtuosa. Acharemos outro que enjeita as offertas do suberbo Alexandre, e se dá por pago com que lhe não tolha os raios do sol que lhe tomava, chegando-se a vel-o; e fez-lhe confessar tam crescida inveja aquelle desprezo do mundo, que affirmou que, a não ser Alexandre, só Diogenes quizerá ser. E outro houve que, tractando-se de uma commodidade sua, fez d'ella tam pouco caso que respondeu: *Maior sum et ad maiora natus, quam ut sim mancipium corporis mei*; sentença digna de um grande christão! Resolvo-me, padres reverendissimos, que, se as rendas d'esta minha egreja foram de tal qualidade, que as poderamos estirar quanto se póde extender a vontade, ainda então houvera de cuidar muito no modo de as repartir. Mas, sendo assim que sam tam curtas que, se as dispender commigo, não me fica que dar aos pobres; e, se não dou a pobres, fico sendo senhor e proprietario e não dispenseiro; coisa que directamente é contra a opinião dos sanctos, —digo chãmente e declaro que, se os meus prebendados

(1) *U-l-o, u-l-a*, termos compostos de *u*, adv. ant. *onde*, e dos artigos *o a*, com um *l* entremettido por euphonia; isto é, *onde o, onde a, onde os, onde as*. Às vezes acha-se—*ullo, ulla*—; o que é o mesmo.

desejam ouvir alvoradas de charamelas, e se os fidalgos de Braga querem ver passeios de ginetes formosos e mulas gordas e anafadas, e nuvens de pagens enfeitados e rugindo sedas; desenganem-se, que nunca me verão tam desatinado que dispenda com ociosos aquillo com que posso dar vida a muitos pobres. Sôa-me dentro n'alma, padres reverendissimos, e faz-me retinnir ambos os ouvidos aquella voz que, se conta, foi ouvida do ceo em tempo de Constantino Magno, quando com sancta liberalidade começou a enriquecer a egreja: *Grande nunc venenum in Ecclesia Dei effusum est.* E, considerando a conveniencia que têm com a doutrina que, tantos annos antes, nos escreveu S. Paulo: *Habentes autem alimenta et quibus tegamur, his contenti simus,* confesso que não me atrevo, nem posso acabar commigo, dispender nem um só real fóra dos termos que devo á vida monastica que professei. Isto me lembra que prometti a vossa paternidade, padre nosso provincial, o dia que me obrigou com censuras a acceitar este cargo. Isto sei que posso fazer sem escrupulo, e com bom conselho dos sanctos; não farei outra coisa, emquanto tiver o juizo inteiro. Aos usos e costumes do tempo presente, que vossa paternidade me allegou; ás permissões e consentimentos, que ha, de quem póde e sabe, respondo que tudo é sancto, tudo louvavel, e por tal o tenho. Mas tambem sei que não posso errar, seguindo o pharol de Paulo; e, se todavia inda contra isto ha que dizer, e vossa paternidade intende que tenho perdido o norte neste governo, não está longe o remedio; vossa paternidade, que foi o meio de se me lançar esta braga, que não trago só nos pés, como a trazem os captivos, mas tambem sobre o pescoço e no coração, póde, com m'a fazer tirar, junctamente atalhar meus erros e usar commigo de grande misericordia.

A peroração do sermão de Vieira pelo bom successo das armas de Portugal contra as de Hollanda

Chegado a este poncto, de que não sei nem se póde passar, parece-me que nos está dizendo vossa divina e humana bondade, Senhor, que o fizereis assim facilmente, e vos deixáreis persuadir e convencer d'estas nossas razões; senão que está clamando per outra parte vossa divina justiça; e, como sois egualmente justo e misericordioso, que não podeis deixar de castigar, sendo os peccados do Brasil tantos e tam grandes. Confesso, Deus meu, que assim é; e todos confessamos que somos grandissimos peccadores. Mas tam longe estou de me aquietar com esta resposta, que antes esses mesmos peccados, muitos e grandes, sam um novo e poderoso motivo dado por vós mesmo para mais convencer vossa bondade.

A maior força dos meus argumentos não consistiu em outro fundamento atégora, que no credito, na honra e na gloria, de vosso sanctissimo nome: *Propter nomen tuum*. E que motivo posso eu offerecer mais glorioso ao mesmo nome, que serem muitos e grandes os nossos peccados? *Propter nomen tuum, Domine, propitiaberis peccato meo; multum est enim*. Por amor de vosso nome, Senhor, estou certo (dizia David) que me haveis de perdoar meus peccados, porque não sam quaesquer peccados, senão muitos e grandes; *multum est enim*. Oh motivo digno só do peito de Deus! Oh consequencia que só na summa bondade póde ser forçosa! De maneira-que, para lhe serem perdoados seus peccados, allegou um peccador a Deus que sam muitos e grandes. Sim; e não por amor do peccador nem por amor dos peccados, senão por amor da honra e gloria do mesmo Deus; a qual, quanto mais e maiores sam os peccados que perdôa, tanto maior é e mais engrandece e exalta seu sanctissimo nome: *Propter nomen tuum, Domine, propitiaberis peccato meo;*

multum est enim. O mesmo David distingue na misericórdia de Deus grandeza e multidão; a grandeza: *secundum magnam misericordiam tuam*; a multidão: *et secundum multitudinem miserationum tuarum.* E como a grandeza da misericórdia divina é immensa, e a multidão de suas misericórdias infinita; e o immenso não se póde medir nem o infinito contar —, para que uma e outra, de algum modo, tenha proporcionada materia de gloria, importa á mesma grandeza da misericórdia que os peccados sejam grandes, e á mesma multidão das misericórdias, que sejam muitos: *multum est enim.* Razão tenho eu logo, Senhor, de me não render á razão de serem muitos e grandes nossos peccados. E razão tenho tambem de instar em vos pedir a razão por que não desistís de os castigar: *Quare obdormis? Quare faciem tuam avertis? Quare oblivisceris inopiae nostrae et tribulationis nostrae?*

E, se acaso ainda reclama vossa divina justiça, porcerto, não já misericordioso senão justissimo Deus, que tambem a mesma justiça se poderá dar por satisfeita com os rigores e castigos de tantos annos. Não sois vós, emquanto justo, aquelle justo juiz de quem canta o vosso propheta: *Deus, iudex justus, fortis et patiens, numquid irascitur per singulos dies?* Pois se a vossa ira, ainda como de justo juiz, não é de todos os dias nem de muitos; porque se não dará por satisfeita com rigores de annos e tantos annos? Sei eu, legislador supremo, que nos casos de ira, postoque justificada, nos manda vossa sanctissima lei que não passe de um dia e que, antes de se pôr o sol, tenhamos perdoado: *Sol non occidat super iracundiam vestram.* Pois, se da fraqueza humana, e tam sensitiva, espera tal moderação nos aggravos vossa mesma lei, e lhe manda que perdôe e se aplaque em termo tam breve e tam preciso; vós, que sois Deus infinito, e tendes um coração tam dilatado como vossa immensidade, e em materia de perdão vos propondes aos homens por exemplo, — como é possível que os rigores da vossa ira se não abrandem em tantos annos, e que se ponha e

torne a nascer o sol tantas e tantas vezes, vendo sempre desembainhada, e correndo sangue, a espada de vossa vingança? Sol de justiça cuidei eu que vos chamavam as escripturas, porque, ainda quando mais fegoso e ardente, dentro do breve espaço de doze horas passava o rigor de vossos raios; mas não o dirá assim este sol material que nos allumia e rodêa, pois ha tantos dias e tantos annos que, passando duas vezes sobre nós de um tropico a outro, sempre vos vê irado.

Já vos não allego, Senhor, com o que dirá a terra e os homens, mas com o que dirá o ceo e o mesmo sol. Quando Josué mandou parar o sol, as palavras da lingua hebraica, em que lhe falou, foram, não que parasse, senão que se calasse: *Sol, tace contra Gabaon*. Calar mandou ao sol o valente capitão, porque aquelles resplendores amortecidos, com que se ía sepultar no occaso, eram umas linguas mudas com que o mesmo sol o murmurava de demasiadamente vingativo; eram umas vozes altissimas com que desde o ceo lhe lembrava a lei de Deus, e lhe prégava que não podia continuar a vingança, pois elle se ia metter no occidente: *Sol non occidat super iracundiam vestram*. E se Deus, como auctor da mesma lei, ordenou que o sol parasse, e aquelle dia (o maior que viu o mundo) excedesse os termos da natureza per muitas horas e fosse o maior; foi para que, concordando a justa lei com a justa vingança, nem per uma parte se deixasse de executar o rigor do castigo, nem per outra se dispensasse no rigor do preceito. Castigue-se o gabaonita, pois é justo castigal-o: mas esteja o sol parado até-que se acabe o castigo; para que a ira, postoque justa, do vencedor não passe os limites de um dia. Pois se este é, Senhor, o termo prescripto de vossa lei; se fazeis milagres e taes milagres para que ella se conserve inteira; e se Josué manda calar e immudecer o sol, porque se não queixe e dê vozes contra a continuação de sua ira, — que quereis que diga o mesmo sol, não parado nem immudecido? Que quereis que diga a lua e estrellas, já cançadas

de ver nossas misérias? Que quereis que digam todos esses ceos, creados não para apregoar vossas justiça, senão para cantar vossas glórias, *Coeli enarrant gloriam Dei?*

Finalmente, benignissimo Jesu, verdadeiro Josué e verdadeiro sol, seja o epilogo e conclusão de todas as nossas razões o vosso mesmo nome: *Propter nomen tuum*. Se o sol extranha a Josué rigores de mais de um dia, e Josué manda calar o sol, porque lh'os não extranhe; como póde extranhar vossa divina justiça que useis connosco de misericórdia depois da execução de tantos e tam rigorosos castigos, continuados, não per um dia, ou muitos dias de doze horas, senão per tantos e tam compridos, que cedo serão doze? Se sois Jesu, que quer dizer *salvador*, sêde Jesu e sêde salvador nosso. Se sois sol e sol de justiça, antes que se ponha o d'este dia, deponde os rigores da vossa. Deixae já o signo rigoroso de Leão e dae um passo ao signo de Virgem, signo propicio e benefico. Recebei influencias humanas de quem recebestes a humanidade. Perdoae-nos, Senhor, polos merecimentos da Virgem Sanctissima. Perdoae-nos por seus rogos ou perdoae-nos por seus imperios; que, se como creatura vos pede por nós o perdão, como mãe vos póde mandar e vos manda que nos perdoeis. Perdoae-nos, emfim, para que a vosso exemplo perdoemos; e perdoae-nos tambem a exemplo nosso, que todos desde esta hora perdoâmos a todos por vosso amor: *Demitte nobis debita nostra, sicut et nos dimittimus debitoribus nostris. Amen.*

INDICE

NOÇÕES PRELIMINARES

DA ELOQUENCIA E DA RHETORICA EM GERAL

	Pag.
I — Natureza, fim e divisão da eloquencia.....	9
II — Meios, officios e requisitos do orador.....	12
III — Operações do orador e partes da rhetorica.....	14

PARTE PRIMEIRA

INVENÇÃO

CAPITULO I	— Da materia da eloquencia: das questões; e dos estados	17
CAPITULO II	— Da natureza das provas em geral, sua classificação e logares	20
CAPITULO III	— Do signal e da auctoridade	22
CAPITULO IV	— Dos exemplos	24
CAPITULO V	— Dos argumentos	27
CAPITULO VI	— Das argumentações	29
CAPITULO VII	— Dos affectos em geral	32
CAPITULO VIII	— Como se ham de excitar os affectos ethicos?	35
CAPITULO IX	— Como se ham de mover os affectos patheticos?	37
CAPITULO X	— Das fontes dos prazeres do gosto — o sublime e o bello	40

PARTE SEGUNDA

DISPOSIÇÃO

CAPITULO XI	— Da disposição das partes do discurso em geral.....	51
-------------	--	----

	Pag.
CAPITULO XII — Do exordio ou proemio	55
CAPITULO XIII — Da informação do assumpto	63
Da proposição	»
Da partição	64
Da narração	66
CAPITULO XIV — Da confirmação	69
CAPITULO XV — Da peroração	74

PARTE TERCEIRA

ELOCUÇÃO

CAPITULO XVI — Da natureza da elocução em geral e da sua difficuldade e excellencia	79
CAPITULO XVII — Da elocução elegante	81
I — Da pureza da elocução, primeira parte da elegancia	»
II — Da correção da elocução, segunda parte da elegancia	83
III — Da clareza da elocução, terceira parte da elegancia	»
CAPITULO XVIII — Da elocução ornada	88
I — Dos dotes e fontes do ornato	»
II — Dos diversos generos de pinturas	90
III — Dos conceitos fortes	94
IV — Dos conceitos agudos ou sentenças	101
V — Do adôrno ou ornato artificial, e primeira- mente nas palavras separadas	104
VI — Do adorno das palavras junctas; e primeiro dos vicios	107
VII — Dos tropos	109
Primeiro genero, <i>a metaphora</i>	111
Segundo genero, <i>a ironia</i>	116
Terceiro genero, <i>a synecdoche</i>	117
Quarto genero, <i>a metonymia</i>	120
Especies de tropos, relativos a varios generos	123
VIII — Das figuras em geral	127
Das figuras dos pensamentos, <i>para provar</i> .	129
Das figuras dos pensamentos, <i>para mover</i> .	132
Das figuras dos pensamentos, <i>para deleitar</i> .	137
Das figuras das palavras; e primeiramente das que se fazem <i>per accrescentamento</i> ..	138
Das figuras das palavras <i>per diminuição</i> ..	145
Das figuras das palavras <i>per consonancia</i> ..	146
Das figuras das palavras <i>per symmetria</i> ...	147
Das figuras das palavras <i>per contraposição</i> .	148
Das figuras das palavras <i>per transposição</i> .	149

	Pag.
CAPITULO XIX — Da elocução collocada	151
Da ordem	155
Da primeira especie de harmonia, <i>a ligação</i> ou <i>melodia</i>	157
Da segunda especie de harmonia, <i>o numero</i> ou <i>rhythmo</i>	160
CAPITULO XX — Da elocução apta e decente	161
CAPITULO XXI — Das varias fórmãs de elocução ou estylos..	165
I — Da natureza e divisão do estylo	»
II — Do uso do estylo	170

PARTE QUARTA

MEMORIA

CAPITULO XXII — Da importancia e subsidios da memoria...	173
--	-----

PARTE QUINTA

DECLAMAÇÃO

CAPITULO XXIII — Regras sobre a declamação.....	179
Da voz	180
Do gesto	182
APPENDICE.....	185

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
11 12 13 14 15 16 17 18 19 20

18



Queres a mente de

(1) separar ~~se com o verbo~~ : digo-te, diga-se

(2) Antes quando os preces, ao vulto e de,
palavra de pe não, já, humano, ben,
moral — não te disse, já se vê,
mas me vai.

(3) Ante ou depois querendo essa palavra
é antes em calcular com o verbo.
em te digo, ou em digo-te
para te digo, ou para digo-te
(ou porque te digo?)

Quando eu te vi }
" " já te vi }

Porque não me disseste }
" me não disseste }

Porque, não
quero me
ver
por que
quero.

Uma tem um em pe em é
gosto de meu por que
foi de meu a de
de meu.

A replaying in form of a fantasia

4-2-21.

I hate to leave what I am left to have,
Regret the loss that I have tried to
And with a last hand strain the

That the same hand ^{dupl} ~~one~~ moment for
not let,

I wish I were the lover & the lover
of I wish never quit not to require
on

Don't you

Perdido, em festa d

coração e com ~~o coração~~

namor e flama em

passagem.





